

JOGO DO PODER

Sarney faz oposição com estilo discreto

Para atender às queixas da filha governadora ou por simples vaidade, presidente do Congresso combate projetos do governo como a prorrogação do FSE

JOÃO DOMINGOS

BRASÍLIA — Sozinho, mas no estilo daqueles que batem com luvas para não machucar, o presidente do Senado e do Congresso, José Sarney (PMDB-AP), tem conseguido fazer oposição maior ao presidente Fernando Henrique Cardoso do que o PT, o PDT e o PC do B, juntos. Praticamente não há um assunto de interesse do governo que Sarney não combata. Ou de forma aberta, como no caso da prorrogação do Fundo Social de Emer-

gência (FSE), ou por intermédio de terceiros, a exemplo da pressão contra a venda da Companhia Vale do Rio Doce.

De acordo com os que convivem todos os dias com ele, há duas explicações para o empenho do senador — quem tem domínio sobre a pauta de votações do Congresso — em estar no centro dos debates sobre os pontos cruciais da política do País. Primeiro, a vaidade pessoal. Segundo, o sonho de Sarney de algum dia voltar à Presidência da República, desta vez pelo voto direto

e, como prevê seu guru e pai-de-santo no Maranhão, Moacyr Neves, “nos braços do povo”.

Para Sarney, o Plano Real não é nada mais do que um filhote de seu Plano Cruzado, de 1986. Ele gosta de lembrar que os principais responsáveis pelo Plano Real foram funcionários do seu governo e ajudaram no Cruzado. Se hoje o Real dá certo, é porque os economistas tiveram a oportunidade de utilizar o Plano Cruzado como cobaia, argumenta.

A vaidade pessoal de Sarney é alimentada no dia-a-dia. Como presidente do Senado, ele recebe mais embaixadores do que o presidente da República. Tem oportunidade de conversar com eles sobre assuntos dos mais variados países. E cada visita de um diplo-

mata acaba tornando-se uma satisfação pessoal para Sarney.

Na quinta-feira, por exemplo, ele recebeu o chanceler da Coreia do Sul, Gong Ro-Myung, no seu gabinete. O embaixador disse, sem a preocupação de causar constrangimentos, que as reformas na Constituição estavam sendo possíveis porque Sarney assim o queria.

O presidente do Senado apóia as emendas constitucionais do governo. Como presidente da República, alertou os constituintes de 1987-88 sobre as dificuldades que a Consti-

tuição traria. Mas algumas das emendas sofrem carga direta ou indireta de Sarney. A mais combatida é a que prorroga o Fundo Social de Emergência (FSE) até

1999. O senador acha que o País não vive mais uma situação de emergência para ficar dependendo deste tipo de fundo.

As palavras do senador às vezes traem o objetivo que se esconde por trás delas: a governadora do Maranhão, Roseana Sarney (PFL), sua filha, que tem se queixado ao pai da má-vontade do governo federal para com o Estado na hora da

distribuição do bolo da arrecadação. Para Sarney, o FSE acaba prejudicando os Estados. Ele dá seus recados pessoalmente ou por intermédio de alguns políticos usados como biombo, como o senador Édison Lobão (PFL-MA).

Também a proposta de reforma tributária do presidente Fernando Henrique Cardoso tem irritado Sarney. O presidente do Senado acha que do jeito que foi encaminhada ao Congresso, o projeto põe em risco até mesmo cláusulas pétreas da Constituição, como a indissolubilidade da Federação. Segundo ele, a União é mais forte que os Estados e, com a reforma tributária, poderia sufocar cada uma das unidades federativas, tirando-lhes principalmente os direitos hoje consagrados.

SONHO DE
VOLTAR À
PRESIDÊNCIA
CONTRIBUI